

Copyright

# FÁBULA

um conto de  
José Manuel da Silva

©  
1984

— Não sei, Édipo. O fato é que eu tenho o maior tesão em você!

— Não, não. Você tem tesão na dependência criada pelo processo analítico. Não é no Édipo, é nas palavras dele; é na sua idealização do Édipo.

— Poxa, então até agora só trepei com psicanalistas. Então todos os homens que treparam comigo são analistas?

— Por quê?

— Porque se o tesão que eu sinto por você não é por você, é pelo processo analítico, e se esse tesão é igualzinho ao que eu sinto pelos outros homens que trepam comigo, então com eles também o que eu sinto é um tesão pelo processo analítico deles. Daí que todos eles devem ser psicanalistas como você. É tudo uma sequência lógica. Não é?

— É. Lógico é...

— E na verdade, eu nunca procuro saber exatamente a profissão deles. Mas meu primeiro marido era economista...

— Olha, você está deturpando minhas palavras...

— Tudo bem, então me responde só uma coisa. O que é que você sente por mim?

— O que é que eu sinto por você? Ora... nada. Quer dizer, nada carnal. Só uma amizade profissional.

— Só? Mais nada? Só isso?

— Só! Escuta, isso é comum acontecer no processo psicanalítico. É como o ditado: toda mulher se apaixona pelo ginecologista...

— Mentira!! Meu ginecologista é veado!

— Você não entendeu. Isso é figurado...

— Deve ser, porque meu segundo amante foi meu dentista. Ginecologista não tem graça. Não é novidade. Ginecologista vê umas dez xoxotas por dia. Pra ele é tudo igual. É como coveiro...

— Ah! Aí é que eu queria chegar [suspiro aliviado]: essa sua fixação com a morte é que deturpa as ideias que você tem do mundo.

— Bobagem. É a primeira vez que eu falo em morte. E não foi nem morte, foi coveiro, e foi figurado.

— Figurado?

— É lógico, porque...

— Eu entendo, eu entendo [rapidamente]. Mas é aí que está a raiz de tudo: no fundo, no fundo, tem algo em sua mente que levantou essa areia do fundo. Sua fixação com a morte estava embotada por essa sua ninfomania crônica...

— Minha o que?

— Ninfomania crônica.

— Traduz.

— Galinhagem.

— Ah...

— Daí que...

— [interrompendo] Mas eu não sou galinha. Você é que é machista, porra! Mulher tem que casar, ficar em casa, ter filhos, e ler jornal, pro marido não achar que é burra. Não fode, Edipo. Mulher não pode trepar, né? Eu trepo porque gosto. Lavo, e trepo de novo. Talvez tenha algo mais no fundo, como você diz, e é por isso que eu estou aqui. Mas me chamar de... esse negócio aí... ah, galinha, aí não. Isso é machismo. Como é que se chama machismo em linguagem psicanalítica?

— Não existe machismo em psicanálise. Isso é uma coisa cultural.

— Tá vendo? A psicanálise também foi criada por homens e para os homens. Agora, a sacanagem é: como é que uma mulher pode se tratar? Aquele babaca do Freud é que estragou isso tudo. Onde é que já se viu? Um homem brocha, que começou a tentar entender por que que ele era brocha, que escreveu um monte de merda generalizada, e que é idolatrado como guru do mundo. Ah, não! E vocês, psicanalistas de faculdadezinhas de bosta, vão atrás do que a bichona disse! De olhos fechados! Mas não admira: homem se entende é com homem mesmo.

— Você está exagerando. Mas tudo bem. Eu não posso discutir os fundamentos da psicanálise com você. Você é leiga no assunto.

— E além disso não dá tempo. Aliás, onde é que a gente estava?

— Na morte.

— Não, isso foi depois. Ah, eu estava dizendo que quero trepar com você.

— Escuta, você já reparou como é que você está vestida?

— Alguma coisa contra a minissaia?

— Não, mas já viu como você está?

— Como é que eu estou? Deitada!!

— Eu estou vendo as suas coxas todas.

— Porra, pra que é então que você usa divã inclinado? Se não quer ver as minhas coxas, vira de costas.

— Mas aí eu não vejo a sua expressão quando você fala...

— Eu preferia que você visse a minha expressão quando eu faço outra coisa...

— Olha o nível.

— Tá bem, mas que eu sinto tesão em você, eu sinto, e ponto final.

— Mas você tem que se conscientizar de que não é em mim.

— Ah, você está querendo tirar o corpo fora. Você é homossexual?

— Claro que não! [horrorizado] Por quê?

— Nada. Já sei.

— Sabe o que?

— Se você trepar comigo, não vai poder mais me analisar. Daí que são menos alguns mil cruzados...

— Ah, deixa de bobagem. [assustado] Eu estou aqui pra te tratar. E vamos voltar à sua fixação pela morte que tem sido até agora obscurecida pela sua ninfomania.

— Olha, eu já tenho medo de fantasma; você fica falando de morte, de noite eu não durmo. Aí, vou ter que vir aqui me tratar de outra coisa!

— Vê só? Então você tem medo de fantasmas, não é? Já morreu alguém próximo de você?

— Já.

— Viu? Vamos chegar lá. Quem?

— Um cara atropelado do meu lado num sinal da Rio Branco.

— Você está me gozando?

— Porra, claro que não! Eu ia atravessar, ele também, aí...

— [interrompendo] Eu quero dizer, alguém apegado a você.

— Ah, entendo. Já, sim.

— Viu? Vamos lá. Esse é o caminho certo. Quem?

— Meu cachorro, ano passado. Atropelado em frente à minha casa.

— Pô, quer me gozar, tudo bem.

— Não é gozação. É sério.

— Olha, eu estou falando de uma pessoa, gente, que fosse apegada a você...

— E cachorro não é gente?

— Pra mim, não.

— Pois pra mim é. Eu adorava o Apolo.

— Muito?

— Muito. Eu até chorei. Não deu nem pra enterrar. Ficou todo amassado...

— Chega, vamos voltar...

— Me responde um negócio: quem trepa com cachorro também é ninfo... ninfa... ninfo... maníaco?

— Como é que é?!!!

— Quem trepa com cachorro é ninfomaníaco? (Não é essa a palavra?)

— [aterrorizado] É... não, quer dizer, a palavra é essa, mas não é esse o termo.

— Ah, bom. É o que? Tem nome?

— Tem. É perverso. Trata-se de uma perversão...

— [interrompendo] Ai, puta que pariu, vocês têm uns nomes que ofendem.

— Olha, eu acho que matei.

— Quem?

— Não, o seu problema.

— Então fala.

— Seu problema é que essas duas mortes, ambas muito próximas fisicamente de você, curiosamente por atropelamento, levaram você a procurar refúgio no sexo.

— Mas antes do Apolo morrer eu já trepava pra caralho.

— É?

— É.

— Então não é isso. Vamos voltar.

— Escuta, eu sou a última paciente?

— É.

— Vamos tomar um chope depois da sessão?

— Minha filha – abaixa as pernas, por favor – entenda: analista não pode trepar com analisando. [suspiro]

— Mas eu não sou analisando, eu sou analisanda. Com a, de mulher...

— Também não pode.

— Ah, você mudou agora.

— Olha, presta atenção. Você me procurou pra resolver um problema. Não arruma outro.

— Tá bem, tá bem. Eu não sei... Desculpa. Eu acho que o problema mesmo é que eu adorava o meu ex-marido. Aí aquele puto me deixou e eu comecei a dar pra todo mundo pra me vingar dele. E eu era muito puritana. Aliás, ainda sou. É que com essa onda de liberalidade, a gente ganha armas novas pra conquistar as pessoas. Mas no fundo é tudo falsidade. Vê só eu: no fundo, no fundo, eu quero mesmo é um marido. E eu sou independente!

— [pensativo] Não é nada disso. [decidido] A raiz do seu problema não é vingança. É algo mais profundo, mais complexo. Você está totalmente enganada. Mas fica calma; nós vamos descobrir o que é.

— É, mas na outra sessão. Hoje eu tenho que sair mais cedo. Eu tenho um compromisso.

— Quem é?

— Meu lixeiro.

— [admirado] Quem?!

— O lixeiro. É um lixeiro novo, bonitinho, que me ajudou a limpar o sótão. Aí ele não quis gorjeta. Aí eu achei ele bonitinho e convidei ele pra tomar um café. Aí ele me beijou. Aí depois eu marquei pra hoje lá em casa depois das sete, porque os vizinhos estão vendo a novela e não vão ver quando ele entrar. Se não eles vão pensar que eu sou vulgar, vão me encher o saco... Por isso é que eu tenho que sair mais cedo.

— E você não tem nenhum medo dessa relação? Nenhum receio?

— Um pouco, mas ele toma um banho antes e tudo bem.

— Ah, sim.

— A não ser que você aceite aquele chope...

— Não, obrigado. Você sabe que nós não podemos tomar esse chope.

— Bem, eu não vou insistir.

— Não vale a pena.

— Durão. Pelo menos vê se me cura.

— Vou tentar.

— Será que psicanalista trepa?

— Por que não?

— Você tem mulher?

— Tenho.

— Ela tem orgasmo?

— Tchau.

— Ah, aí é que está a raiz do seu problema... Não quer falar, evasivo, ah...

— Tchau.

— Tá bom, tchau. [levanta e sai da sala]

— [fecha a porta] Ainda como essa mulher.

Rio, 1984.